



Propostas para o Aperfeiçoamento da Interpretação e Produção Textuais dos Futuros Jornalistas e o Emprego das Novas Tecnologias da Informação¹

Ivana Barreto²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

A proposta do presente texto é debater como os aspectos advindos das novas tecnologias da informação, como o crescimento considerável do número de publicações digitais na Web, devem ser trabalhados no espaço acadêmico, especificamente, no ensino do jornalismo. Esse relato parte da premissa de que é reduzido o número de discentes que apresentam boa interpretação e prática textuais, o que pode acabar prejudicando a formação de profissionais multimídias, como hoje exige o mercado.

Palavras-chave

Jornalismo; interpretação; produção; textos; tecnologias

O crescimento vertiginoso do número de publicações digitais na Web tem despertado muita polêmica, entre jornalistas e especialistas, sobre o desaparecimento ou não do jornal em papel. E, nesse contexto, as opiniões são bastante divergentes. Enquanto alguns acreditam que os jornais convencionais não sobreviverão ao próximo século, outros categoricamente afirmam que a Internet de forma alguma representa uma ameaça às publicações impressas e nenhuma tecnologia, por mais avançada que seja, substituirá a comodidade e o conforto que um jornal ou revista em papel proporciona aos seus leitores.

¹Trabalho apresentado aos Grupos de Trabalho, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Graduada em Comunicação Social (PUC-RJ), Especialista em Literatura (UERJ), Mestre em Literatura Brasileira (UFRJ) e Doutora em Literatura Brasileira (PUC-RJ). É professora do Curso de Comunicação Social (habilitação jornalismo) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e professora editora do **Portal PUC-Rio Digital**

Embora seja fato incontestado que as publicações on line apresentam uma considerável quantidade de atrativos e vantagens que as mídias tradicionais não dispõem, especialistas apostam que os jornais digitais não irão substituir as edições impressas. Pelo contrário, no lugar de uma ameaça, eles são, na verdade, um instrumento complementar para as empresas jornalísticas. Alguns, no entanto, acreditam que a circulação dos produtos impressos tende a diminuir no futuro.

Nesse novo e revolucionário cenário que se apresenta, é crucial pensar como novos aspectos que a partir dele surgem devem ser trabalhados no espaço acadêmico, especificamente, no que diz respeito a este texto, no ensino do jornalismo. Afinal, os futuros profissionais, que na sua maioria apresentam deficiências na interpretação e produção de textos, devem estar cientes de todas as vantagens que podem obter na internet e na sua interação com as mídias tradicionais. Além disso, o uso da Web pode representar uma importante ferramenta no sentido de formar pessoas capazes de desempenharem funções multimídias, de acompanharem o avanço praticamente ininterrupto das novas tecnologias da informação. Importa ressaltar que o aumento das tecnologias da comunicação e informação impulsiona o processo de mudança comportamental no Brasil e no mundo, todos têm que se adaptar a elas para se estabelecerem em sociedade. Afinal, as novas tecnologias produzem ferramentas que auxiliam na organização e disseminação do conhecimento.

Antes de apresentar o projeto do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, o Portal PUC-Rio Digital, assim como as propostas de trabalho que a autora vem desenvolvendo nas disciplinas ligadas à produção textual, como Técnicas de Comunicação¹, e naquelas direcionadas à orientação de projetos e trabalhos de conclusão de curso, nesses 10 anos de prática docente, alguns conceitos e idéias devem ser apresentados, tanto os relativos à web como aqueles que se referem ao campo da educação.

Primeiramente, quando se considera a multimídia, está se falando de algo que vem incrementando muito os serviços de notícias na Web. Inúmeros sites jornalísticos já usam regularmente clips sonoros em matérias e entrevistas com pessoas públicas. São trechos de depoimentos dos entrevistados que complementam as informações do texto. As animações e o vídeo também são utilizados, cada vez em maior escala, nos serviços noticiosos na Web.

No sentido de evitar confusões em relação ao que diversos autores consideram ser ou não multimídia, aqui adotamos o termo multimídia digital para tratar da multimídia própria do meio digital. Já o termo “multimídia” fará referência a um universo mais amplo, pois abrange tanto a multimídia digital (a multimídia de CD-ROM, a computação gráfica, o hipertexto, a hipermídia, etc.) como a multimídia não-digital (a televisão, o cinema sonoro, o vídeo). Assim, vamos ao encontro de autores como Lucia Santaella, que utiliza o termo mídias digitais para designar um novo estágio da cultura contemporânea influenciado sobremaneira pela revolução no campo da informática e pelas tecnologias numéricas.

E quanto à tão propagada convergência, mais uma vez remetendo à Santaella, não significa eliminar a especificidade de cada meio: “Significa, isto sim, tomar rumos que, não obstante as diferenças, dirijam-se para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se roçam sem perder seus contornos próprios”. (Santaella, 2005:7).

Por fim, ao considerar a expressão jornalismo em tempo real, este texto tomará por empréstimo as contribuições de Sylvia Moretzsohn, em *Jornalismo em tempo real – o fetiche da velocidade*. Ao considerar a velocidade como fetiche, a autora remete à idéia de que a notícia, definida como mercadoria por teóricos e grandes empresas jornalísticas, também esconde o processo através do qual foi produzida “e vende mais do que a informação ali apresentada. Vende, também, e principalmente, a ideologia da velocidade”. (Moretzsohn, 2002:120). Desse modo, “chegar na frente” torna-se mais importante do que “dizer a verdade”: a estrutura industrial da empresa jornalística está montada para atender a essa lógica”. (Moretzsohn, 2002:120)

Quando aborda a imposição do tempo real, a autora destaca que:

As contradições entre, de um lado, uma estrutura que favorece a precipitação e a aposta em prognósticos como valor de atualidade e, de outro, o respeito a regras que exigem um distanciamento (e, portanto, alguma desaceleração) para a apuração rigorosa da notícia, é tão antiga quanto a própria constituição da imprensa como atividade industrial. Agora, na era do “tempo real”, essas contradições tendem a se agravar, e a se resolver pela eliminação de um dos termos do problema – a necessidade de veicular informações corretas e contextualizadas -, pois “qualquer explicação serve” para sustentar a notícia transmitida instantaneamente. (Moretzsohn, 2002: 128)

Como dito anteriormente, já que a proposta do presente texto é analisar como no novo cenário que se apresenta é imprescindível pensar como todas essas questões

devem ser trabalhadas no universo acadêmico, especificamente, no ensino do jornalismo, importa também considerar algumas contribuições de Bachelard (2000). Um ponto fundamental em sua obra é a ruptura proposta com o determinismo científico, com o método cartesiano e com o pensamento objetivo. Para ele, a epistemologia cartesiana é uma epistemologia em crise e, na crítica que elabora, ressalta que "o método cartesiano é redutivo, não é indutivo" (Bachelard, 2000:121). No que diz respeito aos métodos de pesquisa, em nenhuma fase do desenvolvimento do pensamento científico perdem a força.

Segundo o autor, o pensamento complexo pode ser caracterizado como ávido de totalidade. Considera, ainda, que o fenômeno é um tecido de relações, sendo assim, não existem fenômenos simples, natureza simples, tampouco substância simples, porque a substância é uma contextura de atributos. Obviamente, inexitem idéias simples, já que, para serem compreendidas, devem ser inseridas num sistema (complexo) de pensamentos e experiências.

Ao introduzir o conceito de ruptura com a epistemologia cartesiana, a epistemologia de Bachelard propõe uma pedagogia do pensamento complexo. E, o que mais interessa aos docentes, chama a atenção para a necessidade de estarmos, na prática científico-docente, relendo o simples sob o múltiplo, através de uma visão de complexidade. Partindo desse conjunto de idéias, o docente deve desenvolver com seus alunos uma forma de pensamento capaz de buscar o complexo e o indeterminado. Afinal, com objetos de estudo inseridos no campo da Comunicação Social, que com as novas tecnologias da informação têm passado por transformações acentuadas e irreversíveis, torna-se imperativo apreender o mundo social e os objetos do conhecimento em suas variadas relações, interações e complexidades.

A tarefa de investigar qualquer objeto dentro do universo da Comunicação, com a explosão da internet, a convergência de mídias, as tão acessadas notícias/ informações em "tempo real", não pode ser realizada por práticas científicas baseadas nos enfoques estritamente racionalistas-positivistas. É preciso promover um exercício com todas as dialéticas. Só assim, tanto o pensamento quanto os métodos poderão apreender o citado objeto.

Como ressalta Dirce Mendes da Fonseca, em “A pedagogia científica de Bachelard: uma reflexão a favor da qualidade da prática e da pesquisa docente”, sobre as formulações do autor referentes às rupturas epistemológicas:

[...] o conhecimento se estrutura na fronteira do desconhecido e do conhecido, instaurando a permanente necessidade de rupturas e abertura a uma dialética da descontinuidade, de olhares múltiplos para um mesmo objeto. Ainda no campo da noção de rupturas epistemológicas, o autor afirma que a Ciência se opõe à opinião. Em ciência, a opinião está na esfera de outros campos, nada é dado, tudo se constrói. O senso comum e as outras formas de manifestação, o conhecimento vulgar, a sociologia espontânea, a experiência cotidiana são opiniões, formas de expressão, que não representam e não têm o valor de conhecimento científico.³

Agora, trataremos especificamente das experiências que vem ocorrendo na universidade e como elas podem ser auxiliadas e incrementadas pelas idéias, conceitos e contextos expostos anteriormente. Lançado em abril de 2008, o Portal PUC-Rio Digital é um laboratório de convergência de mídia do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e tem se mostrado um recurso pertinente quando a proposta é incentivar os alunos e, a partir daí, promover melhorias na produção de textos, sempre com o engajamento dos discentes, tanto os próprios estagiários do Portal quanto os demais alunos do curso. Afinal, além dos primeiros, que produzem, sob a orientação dos professores-editores, matérias sobre os mais variados temas, os demais estudantes também podem participar, desde que seus textos, escolhidos pelos professores das mais variadas disciplinas, apresentem qualidade para serem publicados. Desse modo, praticamente vivenciando o dia-a-dia da profissão, no caso dos estagiários, ficam mais motivados a elaborem textos nos mais diversos formatos. E suas produções, com as revisões e edições dos professores, acabam aprimoradas cada vez mais.

³ Educação e Pesquisa vol.34. no.2 São Paulo Maio/Agosto. 2008

Nesse sentido, a criação do Portal PUC-RIO Digital contribui efetivamente para a formação de jornalistas, uma vez que aproveita, em suas editorias (Cidade, Esporte, Ciência e Tecnologia, País, Mundo, Cultura, Campus), as produções dos alunos, desde o segundo período da Universidade.

Quanto aos resultados da proposta mencionada nos parágrafos anteriores, têm sido surpreendentes. Primeiramente, os alunos que já apresentavam textos de qualidade, no início do estágio, acabam aprimorando os mesmos, bem como a visão crítica que necessitam ter em relação à mídia hoje, no Brasil e no mundo.

O Portal PUC-Rio Digital, na verdade, a partir de um processo que inclui provas teóricas e práticas para as áreas de jornal, rádio e TV, seleciona os alunos que julga estarem mais aptos para o estágio. Esse aspecto remete a uma dura realidade existente no meio universitário no Brasil. É freqüente, em sala de aula, embora existam alunos com ótimas produções textuais, os professores analisarem e corrigirem textos sem ou com pouca qualidade, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo. Muitos deixam a desejar, especialmente em aspectos como coesão, coerência, clareza, objetividade, requisitos básicos à boa prática textual.

Os docentes das disciplinas teóricas, para citar um exemplo mais específico, encontram resistência por parte dos seus alunos quando solicitam leitura e análise dos teóricos da comunicação e áreas afins. E o mesmo acontece quando são solicitadas leituras de outros autores do campo da comunicação. Existe, ainda, resistência quanto à leitura de periódicos, ferramentas básicas à formação e à prática diária do profissional de comunicação.

Nesse sentido, acaba sendo prejudicada a apresentação dos mais complexos esquemas teóricos e mesmo de outras leituras, já que um considerável número de alunos revela dificuldades de leitura e interpretação de textos. Conseqüentemente, as disciplinas ligadas à produção textual ganham lugar de destaque, uma vez que os professores têm a chance não somente de trabalharem – em termos práticos – os textos com os estudantes, mas ainda podem exercitar com os mesmos a leitura dos mais diversos e importantes periódicos, nacionais e internacionais, como tem procurado fazer a autora desse texto.

Nessas citadas disciplinas, tenho proposto, em sala de aula, a leitura de periódicos, bem como sua análise e interpretação. Além disso, regularmente, os alunos são avaliados em exercícios textuais de diferentes tipos. E, considerando-se que os

profissionais da comunicação precisam estar inseridos no contexto da internet, os estudantes visitam e pesquisam sites, portais de informação e blogs jornalísticos, sem esquecer daqueles que já fazem estágios – como foi visto quando abordamos a experiência do Portal PUC-Rio Digital. Afinal, a leitura e análise dos grandes nomes da mídia só vai acrescentar qualidade ao processo pedagógico.

No sentido de complementar essa proposta de interação e integração do universitário à realidade da mídia, dentro das possibilidades de tempo, surgidas nos programas dos cursos, são realizadas visitas às redações de veículos impressos e *on line*. De fato, a observação da rotina dos profissionais da mídia é fator imprescindível à formação de futuros (e bons!) jornalistas.

Contudo, existem as exceções, como dito anteriormente, com as quais nos deparamos, ou desde os primeiros períodos do curso ou, com mais constância, nos trabalhos de conclusão. Como então orientadora de monografias, na disciplina Projetos Experimentais III, na Universidade Estácio de Sá, função que desempenhei durante aproximadamente seis anos, percebi, ao longo do tempo, que da totalidade de estudos orientados, menos de 50% revelavam, de fato, estarem sendo elaborados por alunos com boas condições de leitura e redação.

Em inúmeras situações, precisei solicitar que fosse realizada, em alguns casos, mais de uma vez, a releitura de textos, em particular dos textos teóricos. Para completar o quadro de dificuldades, eram necessárias várias revisões no material apresentado por alguns alunos. Em certos casos, foi necessário pedir que o aluno reescrevesse parágrafos inteiros, para que os mesmos pudessem apresentar sentido, clareza.

Quanto às exceções, uma delas é a recém formada jornalista Katja Priscilla Cunha Martins Augusto, que orientei no seu trabalho de conclusão de curso. Surpreendentemente, ainda no quarto período da faculdade, na disciplina Redação Jornalística 1, me deparei com seu texto, praticamente pronto, de ótima qualidade. Mais tarde, já no sexto período, Katja apresentou, espontaneamente, leituras, pesquisas e fichamentos sobre o tema TV Digital no Brasil. No sétimo período, conduziu seu projeto de pesquisa de forma aprofundada, solicitando minha orientação nos momentos realmente necessários. Além disso, suas pesquisas relativas a um tema difícil, no sentido de que é pouca a bibliografia sobre o mesmo, pois se trata de assunto recente, um processo ainda em andamento, sempre foram pertinentes.

E, finalmente, no oitavo período, na disciplina Projetos Experimentais III, elaborou um trabalho de excelente qualidade, ao qual acrescentou entrevistas com

profissionais ligados ao tema. Obteve, com justiça, grau 10,0 da banca julgadora. E iniciou um estudo que, com certeza, levará adiante em seus projetos de pós-graduação.

Katja Augusto, boa leitora e redatora, e sua monografia “A implementação da TV Digital no Brasil” vêm comprovar que, diante do cenário em alguns aspectos desanimador, ou seja, de reduzido número de alunos com textos de qualidade, do considerável número de discentes com dificuldades de leitura e interpretação, é possível descobrir aqueles que sempre se dedicaram à leitura e, conseqüentemente, acabaram desenvolvendo, ao longo da vida acadêmica, bom padrão textual.

É consenso entre os educadores, que um dos principais fatores que leva os alunos a apresentarem dificuldades na elaboração de textos é o fato de que a maioria deles não desenvolveu o hábito da leitura, suporte imprescindível para a escrita. Por isso, a discussão proposta por esse texto não pode abandonar outras igualmente importantes. Em primeiro lugar, para formar um leitor é fundamental que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão, comunhão esta baseada na identificação entre o receptor e o texto, no prazer, no interesse e na liberdade de interpretação.

Aqui, convém remeter a Roland Barthes, para quem o texto é uma textura, uma tecelagem artesanal, trabalhada pelo autor e pelo leitor, em que estes irão encontrar o prazer no texto. A função do leitor, nesse processo, é atribuir o sentido àquilo que lê. Então, quando consideramos a leitura como processo de conhecimento, ela pode proporcionar diversão ou, por outro lado, meramente ser imposta para o leitor. Em *O prazer do texto*, Barthes salienta que um texto pode “elaborar um espaço de puro prazer e criar caminhos para a arte do diálogo, no qual o desejo é o ponto de partida para que o leitor desfrute do que lhe é oferecido pelo autor”. (Barthes, 2004: p.9)

É oportuno, nesse ponto da reflexão, distinguir, a partir dos diversos sentidos com que é considerada a leitura, o da sua inserção no universo escolar, que poderá aparecer vinculada à alfabetização (aprender a ler e a escrever), ato de decodificar o signo lingüístico e a leitura adquirir assim o caráter de “estrita aprendizagem formal”, segundo Orlandi, em *Discurso e Leitura*; ou considerar a leitura como um processo por meio do qual são estabelecidos sentidos, igualmente inserido pela escola na formação do leitor.

Apesar da disseminação da idéia de que no ambiente escolar todos devem ser considerados educadores, o trabalho de introduzir a leitura no universo do aluno é do professor, conforme oportunamente ressalta Ezequiel Silva:

Quando falo de escolas, remeto-me especificamente ao trabalho dos professores, como fundamentado em concepções de mundo e em preparação técnica para a prática do ensino da leitura. (SILVA, 2003, p.109).

Avaliando o sistema educacional brasileiro, e considerando, mais uma vez, o papel dos professores no processo da leitura, nos deparamos com o incontestável papel que o livro didático ainda exerce. E, aqui, surge um embate. De um lado, alguns estudiosos defendem seu uso, pois consideram ser ele o único material acessível a alunos e professores. De outro, estão aqueles que condenam, por justificarem que o livro didático transformou-se no único instrumento de leitura e pesquisa, o que acaba inviabilizando a formação do leitor. Para Bárbara Freitag, em *O livro didático em questão*:

O livro didático não funciona em sala de aula como um instrumento auxiliar para conduzir o processo de ensino e transmissão do conhecimento, mas como o modelo-padrão, a autoridade absoluta, o critério último de verdade. Neste sentido, os livros parecem estar modelando os professores. O conteúdo ideológico do livro é absorvido pelo professor e repassado ao aluno de forma acrítica e não distanciada. (FREITAG, 1997, p.111)

Ainda com o objetivo de aprofundar a questão referente à importância da leitura para a formação dos jornalistas, convém remeter à utilização do texto jornalístico na escola de Ensino Médio, implicando na compreensão intertextual e crítica desse mesmo texto. Esse processo deve ser entendido como uma prática social capaz de produzir sentidos. Assim, vale ressaltar, novamente, que a leitura do texto jornalístico torna-se imprescindível para formação do leitor crítico, aquele capaz de entender, interpretar e atuar no seu meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2000

_____. *A filosofia do não*. Lisboa: Abril Cultural, 1991.

_____. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 10 ed. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1985.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREITAG, B., COSTA, W.F, MOTTA, V.R.. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez, 1997, p.111.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real – o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1996, p.193-194.

_____. **Discurso & Leitura**. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. (8ª ed) Campinas, SP: Papyrus, p.109, 2003.

_____. **Uma Reflexão sobre o Ato de Ler**. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1981.

